
Fátima & Jamila

— Você prometeu outras histórias, insiste Jamila, sentada sobre o tapete persa como um Buda, de costas para Fátima, no ângulo mais escuro da grande sala ensombrecida pela treliça cerrada das janelas. A claridade morna de fora só penetra pela porta aberta que dá para o jardim, através da qual as duas espiam a chegada do poente intensificar as cores dos antúrios matizados e das roxas begônias nos canteiros mais próximos, pondo um brilho encerado nas sólidas folhas dentadas dos filodendros.

Fátima penteia devagar o cabelo liso e comprido, que lhe cobre metade do rosto moreno-quase-negro, de lábios grossos e maçãs salientes, sob olhos oblíquos. Está reclinada nas almofadas de cânhamo bordadas em arabescos entrelaçados, ao lado da pequena fonte cavada no piso de pedra da sala.

— Eu o conheci no cais do porto. Tinha olhos azuis de marinheiro, era dono de um veleiro antigo transformado em embarcação de pesca e me contou de muitas viagens pelas ilhas. Entrou no meu sangue como uma espécie de vício, a embriaguez de um cheiro de maresia na pele, o gosto de salitre numa língua.

A brisa vinda do mar, lá longe, espalha pela sala o aroma pesado das frutas empilhadas nas cestas que

serviram como decoração para o jantar da véspera: umbus cuja acidez termina em doçura final dissolvendo-se na boca, bananas pontudas e recurvas como adagas, mangas rosadas cabendo na mão feito um seio ovalado e cujo grosso caldo amarelo escorre pelo queixo, cajú quase púrpura, o travo das pitangas.

Fátima levanta-se, alisa as dobras do vestido vermelho comprido, de tecido muito leve, ajeita os colares de búzios e miçangas, fazendo balançarem, num movimento cadenciado da cabeça, os argolões de ouro que traz pendurados nas orelhas.

— Quer beber alguma coisa?

A voz tem um cansaço de fim de festa, o jantar que se prolongou até quase o amanhecer, em meio a longas conversas sobre a Administração da Cidade-Ilha (tudo tão longe, comunicações precárias com o Governo Central, a falta de informações sobre o Mundo Exterior resultando em doce aceitação da preguiça).

Sentado à cabeceira da mesa comprida armada na varanda dos fundos, benevolente e soberano como um chefe patriarcal, o Marido presidira o encontro dos Homens em Trajes Escuros e as mulheres de cabelos em penteados altos, roupas volumosas enfeitadas com rendas e jóias em demasia: dignos representantes da Nobreza Colonial Extinta, exibindo um antigo luxo trazido em caravelas de Portugal.

Seus olhos azuis de descendente holandês fixaram-na aprovadamente, durante todo o jantar: ela representava bem seu papel, comandando os criados que manipulavam com agilidade a prataria e a louça de Limoges, sorrindo impecavelmente, dirigindo uma palavra amável a cada um dos convidados.

Caminha, agora, em direção à cômoda antiga de jacarandá, com suas maçanetas de vidro verde, sobre a qual as garrafas enfileiradas reluzem, preciosas, à

claridade avermelhada. O Xerez vindo de Málaga, o doce Madeira, feito com uvas amadurecidas, o âmbar profundo do Moscatel, a requintada *pourriture* do Tokay procedente da Hungria, todos os vinhos de sabores aveludados e sápidos.

Jamila recebe a taça de cristal Baccarat sem desviar os olhos do jardim, onde o sol do fim de tarde liquefaz em duas águas-marinhas, fendidas por finíssimos traços negros, os olhos do gato angorá cuja cabeça projetou-se por detrás do cactus.

As sombras já se alongam entre os troncos dos *flamboyants* e das acácias, rodeadas por tufos de plantas emaranhadas: *Ipomaea Nil*, *Solandra Grandiflora*, *Helicônia*, *Reichsteineria Leucotricha*, conhecida como Rainha dos Abismos.

— Sabia que as sementes do Lótus Sagrado dos egípcios duram mil anos?

Fátima empunha uma orquidea apanhada entre as frutas — eis as sépalas, cujo conjunto forma o cálice; as pétalas, que unidas integram a corola; os estames, peças masculinas, compondo o androceu; os carpelos ou pistilos, que juntos fazem o gineceu.

— As flores são hermafroditas.

O riso de Jamila soa curto e cantante na penumbra:

— Quero saber sobre o Negro.

— Bem jovem um desses rapazolas que tomam banho de mar em praias desertas, de águas paradas, dando grandes saltos enquanto a luz do entardecer faz surgirem reflexos molhados em seus corpos nus. Passávamos longamente à beira-mar, recolhendo conchas e seixos estriados, nas poças onde peixinhos com listras amarelas nadavam em meio a algas azuis.

Cresce agora na sala um silêncio como o de ruínas, de lugar antigo e abandonado — o lagarto

movendo-se entre as pedras, a flor silvestre de colorido excessivo e pétalas duras, quase fáticas — uma ausência de sons só interrompida pelo ruído de água em alguma parte (pois há sempre um Ruído de Água em Alguma Parte, na Cidade-Ilha): a embarcação de grandes velas rompendo a vastidão do mar imóvel, ou o bote remado por um grupo de negros, tchá, tchá tchá, enquanto o sol se abate, enorme e letal, sobre o perfil das Ilhas.

A pele negra de Fátima ganha um brilho fosforescente na escuridão, quando ela abre a gaveta da cômoda, para retirar a tabuinha inscrita em caracteres arábicos, em tinta azul — recolhe agora a água da pequena fonte, numa bacia de prata, e nela insere o pedaço de madeira, transferindo, em seguida, o caldo azulado para um frasco antigo, de gargalo comprido.

O som da voz de Jamila tem uma ressonância oca, como se saísse do fundo de uma caverna:

— Quem você vai enfeitiçar, desta vez?

A chegada da noite mudou, de repente, a direção do vasto vento, das lonjuras do Atlântico para a Cidade-Ilha, à qual varre, agora, demoradamente, em toda a extensão, disseminando pela sala um aroma de limão, de peixe e de chocolate, que vem misturar-se aos odores carregados das plantas do jardim. Uma rajada escancarou a treliça de duas das janelas, fazendo oscilar perigosamente o Cristo barroco dependurado em sua cruz, a um canto da cômoda — e deixando Fátima por um instante paralisada, no meio da sala.

Outubro marcou o fim da temporada das Grandes Chuvas mas a umidade permanecia no ar, favorecendo, com o forte calor, a germinação incoitada dos vegetais, ao longo da Floresta Tropical que se estendia por todo o interior do país, acompanhando, qual

sombra inalienável, a linha das altas edificações de concreto nas grandes cidades da orla marítima, ao sul. (As resinas ganhavam uma exaltação picante, as flores das anteloquíáceas tinham um bafio quase fétido, cogumelos venenosos proliferavam sob as folhas apodrecidas — no espelho da água da fonte, o ardor maduro do corpo de Fátima era o do excesso de sumo que precede a decomposição?)


Como se repentino o cantor de flamenco rompesse, no grito pungente da saeta, o silêncio branco/negro de casas caídas sob o sol vertical do meio-dia — com estranha inquietação, vontade repentina de chorar, um arrepio de presságio descendo-lhe pelos rins, quem sabe a Compreensão, Fátima se voltou e viu o rosto de Jamila.

Sonia Coutinho

OS VENENOS
DE LUCRÉCIA

2ª edição

*Liliana
2008*

 coleção rocinante

CORDÉLIA, A CAÇADORA

CORDÉLIA, VOCÊ NÃO ERA MAIS nenhuma criança, quando encontrou Papá. Quase sem sentir, você se transformou numa mulher entrando na meia-idade, cabelos pintados de castanho avermelhado, e cujo principal divertimento era passar, todo fim de tarde, pelo Largo do Machado, onde morava, naquele pequeno apartamento de fundos, extraordinariamente limpo e arrumado.

Bastava dar uma olhada e logo se percebia seu ar de Vítima, característica que se acentuava com a passagem do tempo e despertava (você sentia) a crueldade dos homens. Pois eles adivinhavam estar diante de uma daquelas-com-que-m-se-dá-uma-trepada-e-desaparece-podendo-contar-que-ela-permanecerá-chorosa-à-espera-pelo-menos-durante-três-anos.

Seu principal problema era uma Infinita Vocação para a Virtude, ainda mais autêntica por não resultar, já àquela altura, de nenhuma imposição externa (sua mãe, uma nordestina, fizera um bom trabalho, mas já estava morta há alguns anos) e sim de uma pura e simples disposição de temperamento.

Você não gostava de mudar de homem. Era tímida, introvertida, preguiçosa, uma mudança assim representava enorme dispêndio de energia, quase uma violência.

Fosse só por questão de sexo, é possível que você nunca se desse ao trabalho. Recorreria à masturbação, quando a necessidade fosse forte demais. Porém, você era viciada em ternura.

E estava pronta a se desmanchar toda, acreditando que daquela vez, ah, daquela vez ia encontrar a Felicidade, sempre que seus parceiros se mostravam carinhosos, agradáveis e levavam presentinhos, no curso das primeiras trepadas.

Você não resistia a coisas assim e, apesar dos infalíveis abandonos posteriores, da cansativa repetição de rituais, estava sempre disposta, depois de Carpir o Seu Desespero, a recomençar tudo. É claro, com seu ar mais triste, já que você era, ah, sim, dizia para si mesma, mordendo o travessão, de noite, uma tremenda Vítima dos Homens.

Nenhum me propôs casamento, antes do Papá, embora o primeiro tivesse chegado a mencionar vagamente o assunto. Mas, analisando bem as coisas, tempos depois, cheguei à conclusão de que foi mais para não lhe dar um desgosto (sempre detestei fazer isso com qualquer pessoa) que eu o acompanhei até seu sujo apartamento de solteiro, no Leme, e me submeti às suas manipulações e intervenções.

Quase sem prazer, só porque ele fez um ar tão triste e choroso e desesperado – era tão bonzinho! – além de ameaçar me abandonar, caso eu recusasse. Em casa, mais tarde, bem, eu já não considerei a noitada tão ruim assim. Mas nós dois, por iniciativa dele, não passamos da décima vez.

Foi mais ou menos naquela época (você estava com 27 anos) que sua mãe morreu, as duas irmãs se casaram, seu pai ficou doente o irmão, morador em outra cidade, apareceu apenas por alguns dias, a fim de interinar o velho num abrigo, responsabilizando-se pelas despesas, e depois sumiu de vez.

Como tudo aconteceu muito depressa, você custou a se convencer de que precisava dar um novo rumo à sua vida. Alugar outro apartamento, por exemplo, porque aquele em que morava era grande demais e a proprietária queria um aumento. Felizmente, seu salário no Ministério (um parente político, agora já despedido, arranjara o emprego) era seguro, embora baixo.

Assim, sustentando-se, sozinha, você se viu, da noite para o dia, desajeitadamente metida numa situação de Mulher Livre. E, como a vida não parava de acontecer, você estava abandonada pelo sexto homem (um bancário, um estudante de Medicina, um proprietário de lanchonete etc, etc), quando encontrou Papá.

Que se chama, na realidade, Tales (ou Sr. Tales), tem 50 e poucos anos e está sentado num dos bancos da sala de espera do cinema, aqui mesmo no Largo do Machado, para onde vim, sozinha, na sessão das oito. De paletó e gravata, com ar de gente importante, Papá me faz algumas perguntas casuais. Gosto de cinema? Moro aqui perto?

Acabamos vendo o filme juntos e marcamos um encontro para o dia seguinte. No curso do qual ele me informa que é advogado (trabalha para uma conceituada firma na Rua São José) e solteiro, mas com muita, muita vontade de casar.

Poucos dias depois, você vai ao apartamento do Papá, um grande três quartos e dois banheiros no Leblon, com vista para o mar. Não está inteiramente mobiliado, mas ele explica que não tem ânimo para comprar as coisas sozinho, quer que sua futura mulher o ajude a escolher. Serve então uma bebida e lhe pede que conte toda sua vida.

Você fica comovida e deslumbrada, ah, sente tanta necessidade de comunicação! É uma pessoa tão sofrida! Percebe, de repente, que nunca ninguém lhe deu lá muita atenção. Inclusive suas irmãs, que agora já quase nada têm em comum com você, preocupadas com filhos, empregadas etc. etc.

Ah, e elas sempre foram muito mais espertas, tão cheias de espírito prático! Assim se ajcitaram na vida, enquanto “Cordélia”, diziam, “parece uma tonta, sempre com a cara para cima, sonhando. (Você é meio lenta e suas emoções, fundas, custam a desaparecer.)

O interesse de Papá faz seus olhos se encherem de lágrimas e você começa a falar interminavelmente, lembrando a Infância e a Juventude Perdidas, enquanto beberica, com modéstia, seu uísque. Papá parece degustar tudo delicioso. Quando você rompe em prantos, ele a leva para a cama. Onde você tem o maior orgasmo de sua vida.

Nosso relacionamento é como uma volta a Algo que Nem Chegou a Existir, uma Coisa Maravilhosa de Antigamente. Nesta atmosfera de sonho, ouço a formalização da proposta de casamento do Papá, diante de minhas irmãs e seus maridos.

É quando acontece uma surpresa triste: Papá revela, de repente, que é, na realidade, desquitado. Mas minha Felicidade é tão grande que não sofro nenhum abalo. Emudecida pela emoção, não perco meu permanentemente sorriso e nem ligo para a observação de uma de minhas irmãs, de que seria bom nos casarmos por procuração na Bolívia, como ela leu numa revista de televisão ser costume dos atores, em casos assim.

A próxima etapa são essas deliciosas visitas a casas de decoração, para comprarmos o mobiliário do apartamento. Compramos também o enxoval, e os cuidados de Papá alcançam os mínimos detalhes, fazendo até questão de escolher minha roupa interna.

Paramos muito tempo diante das vitrinas de lojas de *lingerie* e ele elogia determinadas peças, critica outras. Entramos, peço as calcinhas e sutiã recomendados por ele.

A apresentação à sua irmã, uma mulher morena, com ar triste, cheia de Experiências Sofridas para Constatar, é o Supremo Toque Respeitável. Tudo tão Família! Pois o que caracteriza Papá, eu penso, são as coisas-feitas-como-se-deve-fazer.

Enfim, você está morando nesse belo apartamento, em companhia de um Homem que Cuida de Tudo e Paga.

Suas colegas de repartição estão mortas de inveja! E tanta realização lhe confere um ar Composto, Digno e Equilibrado, um ar de verdadeira Madame.

Você passa a pintar o cabelo de castanho-escuro, para ver se recupera o tom antigo, e fica orgulhosa ao notar que os homens já nem lhe dizem gracinhas na

rua, como antigamente, quando você usava umas blusinhas decoradas, mas simplesmente desviavam a vista, com todo respeito.

Ah, é engraçado e ótimo ser uma Mulher Casada. Talvez seja um pouco tarde para ter um filho, mas você, certamente, logo comprará um cachorrinho branco e muito peludo, que será extremamente bem tratado. E, um dia, você pedirá demissão do Ministério; pois agora tem de controlar a empregada, ir ao supermercado, coisas assim.

E Papá pode passar o INPS dele para seu nome, você ficará garantida pelo resto da vida. Não é difícil ser uma mulher, ora, basta tomar banho todo dia e se perfumar e deixar o barco correr.

Mas é quando acontece minha Primeira Mágoa. Papá começa a falar com insistência nos benefícios que ele me proporciona e, às vezes, durante noites inteiras repete:

— E o que seria de você sem mim, hein, Cordélia? Triste destino, uma mulher sozinha, desfrutada pelos homens.

Depois, exige que eu lhe diga, novamente, como era Solitária e Infeliz e Perdida, antes de encontrá-lo; como foi a Melhor Coisa da Minha Vida achar um homem tão bom. E, quando consigo falar de maneira bastante dramática, então ele trepa comigo, parecendo sentir maior prazer do que nas ocasiões comuns.

Enfim, você não vê motivo para não ceder aos caprichos dele: você é realmente Agradecida e Humilde, como sua mãe (aquela santa senhora do tipo Lamento-

so e Absolutamente Eficiente) lhe disse que convém a uma mulher.

Portanto, você expressa sua gratidão mantendo-se sempre atenta, cuidando da comiça e da arrumação da casa. Nunca foi casada antes, mas pensa que os Deveres Conjugais consistem em agir assim.

Isto não evita que, com a passagem dos meses, Papá comece a apresentar um crescente mau humor, que nada faz para disfarçar, muito pelo contrário.

Por que você repete os pratos, no cardápio da semana? (Você se esforça para lembrar, anota tudo, consulta a empregada, as duas concluem que a variação foi diária.) E os talheres, que nunca estão suficientemente polidos? (Você própria os limpava, na véspera.) E o fundo dos copos, sempre sujo? (Etc, etc.)

Você começa a sentir um lenho/frio pânico, Papá está tão diferente! O que você pode fazer? Pois parece existir uma lacuna permanente entre suas habilidades e as expectativas dele, você vai descobrindo. Como pagará essa dívida, um senhor tão bem instalado e conceituado a procurou para se casar, a você, uma simples mulher.

Então, acontece a primeira Noite Estranha.

Vamos nos deitar mais cedo e, antes, tomo um banho, ponho perfume. Como há mais de uma semana não fazemos sexo, sinto que ele me procurará e quero atender aos seus desejos, embora já não alcance mais aqueles grandes orgasmos de antigamente.

— Ouça, Cordélia, vamos fazer uma brincadeira — diz ele, de repente, com uma voz esquisita.

— Como assim?

— Vou mostrar uma coisa a você.

Ele dá um pulo da cama, abre a porta do armário, remexe numa gaveta que nunca vi aberta (tem uma pequena fechadura).

De lá, extrai um longo chicote de tiras de couro negro, com pequenos nós nas pontas.

— Tire a camisola, deixe eu bater um pouquinho. Bato devagar, não vai doer, só um pouquinho.

Sinto um calafrio:

— Não, não — respondo.

Jamais lhe neguei alguma coisa antes, e estou com medo. Espio Papá de viés, na penumbra do quarto. Ele parece, de repente, muito velho, tem um ar doentio, a barriga espalhando-se pelo lençol. Não insiste e ficamos em silêncio por muito tempo, fingindo dormir.

Na manhã seguinte, ele me declara, em tom corante, que eu nunca cozinharei tão bem quanto a mãe dele. Tampouco sei me arrumar, não perderei jamais esse ar suburbano.

E, nos dias seguintes, aproveita todas as oportunidades para manifestar uma Completa e Total Insatisfação, tornando minha vida um Verdadeiro Inferno.

Portanto, um mês depois, quando Papá torna a fazer aquele mesmo pedido, não ousou negar. E as sessões se tornam semanais, com uma série de Variações e Actes-cimos. Abra as pernas. Vire as costas. Agora, você dá em mim. Aqui, bem aqui. Ah, ah. Com mais força.

Você não sabe o que fazer Cordélia, e pensa que a vida é bem diferente do que uma pobre mulher poderia imaginar. Talvez deva aceitar tudo como natural.

Mas como irá encaixar essas Tarefas Secretas no quadro róseo da sua vida, que costuma esboçar para as

colegas de repartição? Pois parece haver no casamento uma necessidade inerente de as pessoas mentirem um pouco, você conclui.

Então, quando você estava, antes, solitária e infeliz e invejando as irmãs, será que aquela aparência de Felicidade delas escondia uma porção de coisas por trás? Ou era este o preço necessário a pagar, para uma pessoa se sentir Feliz e Protegida? Ah, mas é torturante, tudo isto! O casamento será uma Coisa Torturante?

Depois de muito hesitar, você decide contar a uma de suas irmãs o que está acontecendo, sem entrar em maiores detalhes. A outra ouve com um ar cansado e triste e você pensa que ela é até uma boa pessoa.

Sua resposta é lenta, penosa. Você foi morar com aquele homem como sua esposa, todos tomaram conhecimento. Agora, precisa ter calma, não fazer nada precipitado. Certamente, neste mundo acontecem muitas coisas por Debaxo do Pano, mas as pessoas se esforçam, mesmo assim, para Manter as Aparências.

Você se apressa em dizer que, naturalmente, Papá é um grande homem, tudo não passa de tolice sua, você exagerou.

Ele tem seus defeitos, como todo mundo, mas apelas isso. Assim, você se esforça o mais que pode, nas semanas seguintes, para estar de acordo com as conveniências.

O que não é nada fácil, pois o humor de Papá se mostra cada vez mais ameaçador e eu tremo, todas as vezes em que ele está para chegar do escritório.

Qual será a queixa do dia? Ele fará muitas exigências, esta noite? O que mais me magoa, nos últimos

tempos, é o fato de ele se referir constantemente, agora, à sua primeira mulher, insinuando que ela fazia muito mais Concessões Sexuais.

E, certa noite, quando me declaro cansada, ele me esbofeteia:

— Você precisa é de humildade, de muita humildade. Já se esqueceu de tudo o que eu fiz por você?

Você passa uma semana meio zonha, sem saber direito o que está fazendo. Nos meses seguintes, perde muito peso, fica magra e branca e com um ar assustado de macaquinha recém-chegada ao Jardim Zoológico, enfrentando os visitantes.

Nós parturemos quase correndo, logo depois que Papá sair para o escritório. Nada avisaremos à empregada e levaremos apenas a roupa do corpo e uma pequena valise com objetos pessoais. Na bolsa, o endereço de uma pensão indicada por uma colega de trabalho. (Agora, todas já saberão do fracasso do Mito Dourado, nosso casamento, e respirarão aliviadas: ah, nós sabíamos, a vida é assim, certo tipo de coisa não existe mesmo etc.)

Ao cabo de três semanas na pensão, assentando as idéias (Papá não nos terá procurado nem uma só vez), sairemos em busca de outro apartamento e encontraremos um conjugado na Avenida Copacabana que nos parecerá ideal.

Ali, a vida irá recompondo-se e nós, já sem o ar de Madame, até voltaremos a ser galanteadas na rua. Então, adquiriremos o hábito de ir todos os dias à praia, onde sentiremos um prazer crescente em olhar nosso corpo todo lambuzado de óleo de bronzear e cheio de gotinhas cintilantes de água/espuma do mar.

Certa manhã, inesperadamente, iremos ao cabeleireiro e nos transformaremos numa *platinum blonde*.
À tarde, diante das boquiabertas colegas de repar-tição, declaramos que decidimos ficar solteiras de novo porque descobrimos que não está em nosso temperamento trepar mais de seis meses com apenas um homem.

E, à noite, marcharemos em excursão pelas calçadas de Copacabana. Apanharemos um limpo e saudavel garoto de 19 anos, surfista, o torso dourado de sol, os cabelos dourados, todo em bronze polido e reluzente.

Na manhã seguinte, ah, jamais nos teremos sentido tão fortes, tão poderosas! Olhando-nos ao espelho, veremos um rosto moreno e voraz sob os cabelos de palha iluminada, um rosto quase belo, de lábios úmidos, sem o menor ar de vítima. Esta noite mesmo Cordélia, a Caçadora, voltará a excursionar.

(Pois a vida é, decerto, extremamente engraçada, mas a gente só descobre isto quando perde completamente a esperança. Sem nenhuma esperança, ah, sem um único fiapo de esperança, então podemos descobrir que ainda existem muitas – muitíssimas – Coisas Divertidas para Fazer.)

NA PENUMBRA

— SE NÃO QUISER, NÃO CONTE. Mas assim não vou poder ajudar. E não é isso que você espera de mim?

Está deitado na cama, ao lado da mulher, ambos nus e cobertos até o peito com o lençol encardido — ele na mesma posição que tomou, pouco antes, ao se desprender dela, depois de uma primeira (e frustrada) tentativa de fazer sexo.

— Estrou me esforçando para falar, mas não é fácil. Conversei com um psiquiatra durante três anos, lá na Cidade, e não consegui dizer tudo. E esse tudo é que incomoda. Você precisa ter um pouco de paciência.

Se tivesse acreditado que ela ia mesmo chegar, levaria a roupa de cama e as toalhas para a lavanderia, e pediria ao faxineiro do prédio para limpar o apartamento de um só cômodo, com uma minúscula varanda dando para a área interna mais escura e enfumaçada de Copacabana. (“Morada de repórter recém-chegado do interior, trabalhando em jornais instáveis” — ele falou, sorrindo, meio constringido, quando ela entrou, esta tarde.)

Mas, embora ela dissesse que vinha, e até indicasse o dia — sábado próximo — num curto bilhete, o mais recente de uma correspondência cheia de subterfúgios (nomes trocados, endereços de amigos etc), ele procurou tirar aquilo da cabeça, tinha medo de se desiludir.

Porque, para ele, tudo fora fantástico demais, desde o começo.

DOCE E CINZENTA COPACABANA

ACORDA COM O QUARTO mergulhado em cinzena pe-
numbra, embora talvez não seja tão cedo quanto pare-
ce, o apartamento fica em andar baixo, de fundos, dá
para o quadrado de edifícios de um quarteirão não
muito extenso de Copacabana, o céu só é avistado er-
guendo-se bem alto a cabeça (tenta inutilmente espreitá-
lo, de longe, através da cortina semicerrada) – um “céu
amuralhado” – abre os braços e, de um lado, deitada na
grande cama de casal comprada num brechó a preço de
nada, toca em pilhas de roupas emboladas, livros, bol-
sas, papéis (sua mãe jamais compreenderá como se pode
dormir numa bagunça dessas e, ainda mais, sem nunca
usar camisola, toda vestida ou, como agora, sem roupa
nenhuma), do outro lado tareia a mesinha de cabecei-
ra, em busca do relógio: parado, naturalmente, não se
lembra de dar corda nele e detesta usá-lo no pulso en-
tão é levantar (agora, espreguiçando-se) e telefonar ou-
tra vez para o Observatório do Válongo, assim desco-
bre que já passa das 10, não que isto tenha importân-
cia, é domingo e, além disso, não tem compromisso
certo de trabalho, depois que deixou o emprego de fo-
tógrafa de jornal – não! (torna a repetir) não foi uma
demissão! – estavam com excesso de pessoal e ela que-
ria mesmo ficar mais disponível, sentia-se muito presa,
trabalhando até nos fins de semana, sem tempo para se

dedicar à fotografia de arte – e desde quando ganhou o
prêmio do Salão não pensa em outra coisa, tem talen-
to, dizem, só que, anda descobrindo, o emprego era
bem mais divertido, uma coisa meio pioneira, desper-
tava atenção e merecia algumas regalias, uma mulher
fazendo cobertura fotográfica até da Polícia, aos sába-
dos, agora só aparecem coisas desinteressantes, fotos de
aniversários de criança e casamentos, felizmente tem
suas economias, dinheiro não é problema imediato, gosta
apenas da palavra, free-lancer, quem sabe uma
definição para sua maneira de viver, não é uma free-
lancer da vida? e às vezes acha até que está perdendo o
medo, enfim já cumpriu um itinerário não tão curto, a
partir da primeira trepada com aquele namorado lá da
cidadezinha (ela tinha 17 anos) e o que sofreu dos pais,
quando descobriram (um ano no colégio interno, ou-
vindo as freiras falarem do que acontece quando se pet-
de a pureza), e a fuga depois, logo que pôs a cabeça no
lugar, para o Rio, para Copacabana, os primeiros em-
pregos (vendedora de butique, caixa de uma livraria), o
curso de fotografia no Museu de Arte Moderna (nin-
guém entendeu, parecia capricho de falsa menina rica),
o namorado fotógrafo, o jornal, sim, na verdade (vai
verificando, com certo susto), não é mais nenhuma
criança, completou 28 anos a semana passada, cami-
nha meio tonta para o banheiro, entre as mil peças de
roupa espalhadas pelo chão, 28 anos e está sem faxinei-
ra, uma temporada de redução absoluta de gastos su-
pérfluos, só que nunca tem ânimo para arrumar as coi-
sas, embora seja mais divertido assim mesmo, ficar so-
zinha no apartamento cheio de posters e de almofadas,
pequeno demais para duas pessoas que não homem/

mulher, além de detestar tudo que cheire a vida doméstica (a mãe e seu longo esforço para transformá-la em dona de casa), a Amiga Psicóloga falou em *protesto viril*, não obstante ela prefira, ah, sim, sem dúvida, os homens, com certo desânimo, presentemente, esse seu caso atual cada vez mais inviável, um Sujeito Casado, os dois só se vendo uma vez por semana, ele cheio de compromissos provavelmente inventados, viagens de negócios, cinemas e festas com a mulher e os filhos, então por que a procurou?, pois a iniciativa desta vez não fora sua, de jeito nenhum – a apresentação feita pelo dono do laboratório fotográfico, a insistência dele, em repetidos telefonemas, está com mais de 40 anos, enquanto tantos outros por aí, mais jovens e mais descontraídos (essa sua necessidade inconfessável de um pai!), ultimamente vivem discutindo por coisinhas, ela já quase não tem mais orgasmo, vontade de um homem novo, excitação das descobertas, boca/brincadeiras de língua, às vezes tem certa necessidade de se justificar (escovando os dentes, passando o pente no cabelo) – como *acabei* assim? – uma pergunta que é o auge da fossa, sem essa de *acabar*, simplesmente as coisas vão acontecendo, quem disse que não está numa boa?, estranho é quando se encontra com as velhas amigas lá da cidadezinha, quase sempre casadas, instaladas e IN-FELIZES, é isso aí, infelizes, embora a situação delas seja diferente, uma certa segurança, talvez, mesmo que ganhadora, mas ela, ah, ela pagaria qualquer preço para ter essa sensação de que pode *continuar tentando*, enquanto as outras parecem já ter entregue os pontos, não têm esperança nenhuma, comentam um ou outro casinho, como se um “amante” pudesse resolver algu-

ma coisa, não é nada disso, gente – o grande tempero da vida, *continuar tentando*, ainda que o quadro geral seja de baixo astral, e então vem essa necessidade de dureza, respostas firmes, sim, o apartamento está sujo demais isso não levanta o moral de ninguém, tem de tomar providências, partir para lavar a roupa ou, pelo menos, tomar coragem e juntar os lençóis, as toalhas (vai inventariando), levar tudo para a lavanderia, varrer a salinha, o quarto, limpar o banheiro e a cozinha (fez-lizmente nunca atrasou o aluguel, não incomodou o fiador e, agora, se houver alguma pequena demora, então com certeza o proprietário vai esperar), esvaziar a geladeira das várias embalagens laminadas com restos de comida (pede o almoço pelo telefone ao restaurante popular da esquina e não jantar, só come um sanduíche), começa a trocar de roupa, está louca para fumar, mas não com o estômago assim vazio, veste uma das três calças jeans que possui atualmente, além de seis a oito blusas e suéteres (muitos deles espalhados pelo chão), sai batendo a porta e, quando chega à Confeitaria Colombo, no outro extremo do quarteirão (seu requim favorito para o café da manhã fecha aos domingos), vê a própria imagem refletida num espelho, até que não está mal, apesar da hora matinal e da ausência de maquiagem, não aparenta a idade que tem, os *jeans* amassados, a blusa xadrez, as botas, logo o sujeito da mesa vizinha a esta onde acabou de se sentar aprova, com uma melodia improvisada seguramente para ela – “você sabe que você é linda?” (horrríveis as calças de verde verde que ele usa, e os óculos escuros à Onassis), os garçons sorriem, até que viver não é assim tão ruim, especialmente num dia como este, cinzento mas sem

ameaça de chuva, fresquinho, um dia em que a gente descobre a presença de árvores em quase todas as calçadas de Copacabana, só quando fuma, depois do chá com torradas e geléia, então pensa que precisa, ah, precisa mesmo, mudar de vida, nada pode continuar desse jeito, todo mundo ocupado e ela dentro daquela apartamentinho o tempo todo, vendo o dinheiro miniguar, tanta solidão começa a assustar, o telefone tocado cada vez menos, vai acabar sem dinheiro nenhum, é preciso reconhecer que o projeto das fotos de arte falhou, tudo muito caro, não dispõe de equipamento sofisticado nem tem estúdio próprio, uma amiga sugeriu que peça dinheiro ao Sujeito Casado, mas ela não faz esse gênero, sabe? ele às vezes até insiste, mas quase sempre ela recusa, embora talvez não deva ser assim tão moralista, não faz mais sentido evocar a velha palavra — pura — não tem nada a ver, aqui no Rio é tudo bem diferente de lá no interior, onde as pessoas se preocupam com rótulos e lhe perguntam, quando visita os pais, se não vai casar e ter filhos, então paga a conta, sai da Colombo com um sorriso modesto para as velhinhas/velhinhas adoravelmente tomando seu chá, segue andando e sente, contra toda expectativa, uma certa alegriazinha, agora — os pombos voam de uma marquise para outra na Avenida Copacabana deliciosamente vazia, como um teatro depois de movimentada representação, mas claro que ainda sente medo, sua situação é um pouco como a de alguém inventando algo, um estílo de vida?, lembra de novo a mãe, as tias, a diferença se traduz num frio na boca do estômago, teve certo tipo de educação, a gente não esquece assim, e tudo começa a parecer irreversível, se não casar agora não

casará nunca!, se não tiver filhos, não terá mais filhos!, e então sobra, apesar de ser mulher e latino-americana, ah, sobra o *espírito de aventura!*, sim senhor, numa idade em que sua mãe seria considerada quase uma velha, no entanto ela se prepara para deixar seu oitavo homem (um depois do outro, uma coisa romântica, não gosta de trepadas avulsas nem de *festinhas quentes*), tchau, tchau, está vendo a cena, então pensa na professora de inglês que mora em Ipanema (o cabelo pintado de ruivo, deve ter sido bonita, um dia), um negro uns 15 anos mais moço freqüentava o apartamento dela, um dia ela falou: “poor que você non casar de novo, quando se passa dos 40, como eu, às vezes é preciso fazer um grande esforço”, mas um dia assim nublado e sem chuva e um pouquinho frio é uma coisa civilizada e calmante, há uma boa expectativa em tudo, mete-se numa transversal e vai dar de repente no Caladão, o vento forte sacode as folhas das amendoeiras e o mar, fora a brancura cinzenta da espuma (as ondas picadas deixam no ar, em torno, uma névoa de salitre), está de um cinza profundo, ao lado da areia cinza, do céu cinza e da fileira de prédios cinzentos, é quando os pombos brancos/acinzentados descem voando em harmoniosa formação, tão lentos/lindos, é como se o dia fosse partir uma revelação qualquer, sente-se heróica, “séculos de educação religiosa, de puritanismo e de patriarcalismo”, leu numa revista feminina, e ela pode estar aqui em Copacabana sem causar estranheza a ninguém, assim de calças compridas um tanto sujas, mas então lembra a roupa para lavar, o apartamento imundo, os restos de comida, vai caminhando de volta, espiando vitrinas, compra os dois jornais de domingo na